

Empresas temem pedir empréstimos

Elane Maciel

Os brasileiros voltaram a viver, na semana passada, com a impressão de que o fantasma da hiperinflação ronda de perto a economia. Na fatídica sexta-feira, dia 22, os juros do over bateram a marca de 52%, chegando dias depois a 55%. E a partir dai, os departamentos financeiros das empresas que trabalham com desconto de duplicata ou financiam o capital de giro, via empréstimo bancário, foram obrigados a redobrar seus esforços. "Agora só vamos recorrer aos bancos em último caso", diz Thomas McDougall, vice-presidente financeiro da R.J. Reynolds.

O rigor na administração dos custos tem que ser total. Essa é a única saída apontada por Paulo Teixeira, diretor financeiro da Casa Garson, rede carioca de 34 lojas de eletrodomésticos. Segundo ele, as consequências da disparada dos juros são imediatas, em função do custo do estoque — mercadoria estocada significa perda diária que, na semana passada, chegou a 1,8% ao dia. "Estamos trabalhando sem estoque estratégico para não sermos muito penalizados", diz ele.

Riscos — Teixeira enumera um outro fator negativo: a redução dos prazos de pagamentos imposta pelas indústrias — antes eram de um mês e agora caíram para 15 dias. A explicação é simples: ninguém quer perder.



Mauro Nascimento

Vikberg: boato inflacionaria

Um pedido feito pelo varejista, por exemplo, no dia 26, é faturado pela indústria no dia 30 e o dinheiro só entra no caixa 34 dias depois. Se fosse aplicado no mercado financeiro, durante esse período, certamente o rendimento seria mais atraente. "Para o varejo esse é o verdadeiro calcanhar de Aquiles", diz ele, afirmando que no dia 21 o custo de captação do dinheiro era de 7.000% ao ano e no dia 26, saltou para 10.000%.

No fim das contas, quem acaba pagando é mesmo o consumidor. Para se ter uma idéia, na última segunda-feira, estavam sendo cobrados juros de 45% nas compras a prazo. Mas, no dia seguinte, foi fixado, no Rio, o patamar de 49% ao mês — 47% de captação e 2% de processamento e margem de risco.

"Só que o risco das lojas agora é muito maior, porque o cliente que se dispõe a pagar esses juros, pode não ter dinheiro para saldar a prestação do mês seguinte", analisa o diretor. Segundo ele, o quadro hoje é de um verdadeiro *salve-se quem puder*. "A indústria reajusta os preços semanalmente", garante Teixeira. Sua afirmação pode ser confirmada pelo Índice de Preços no Atacado, coletado pela Fundação Getúlio Vargas: em setembro os preços dos eletrodomésticos subiram, em média, 150%.

"Os juros altos provocam um desarraijo na economia", dispara José Paulo Ferraz do Amaral, superintendente da cadeia de 69 Lojas Americanas. Para ele, o desacerto entre fornecedores e varejistas em relação aos prazos de pagamento é uma das facetas desse descompasso. "Os dois lados ficam com receio de que o governo mude as regras no meio do jogo, por causa do aumento da inflação", explica. Por enquanto, ele garante que não tem havido problemas para repor seus estoques, em prazos que variam de 30 a 120 dias — só que arcando com os elevados custos financeiros. Amaral informa que a Lojas Americanas há mais de 10 anos não recorre a bancos para financiar capital de giro.

Indústria — Para o presidente da Xerox do Brasil, Gunnar Vikberg, essa alta de juros já era esperada por causa do ritmo ascendente da inflação. Mas ela acaba trazendo também nova onda

de rumores "produzidos por alguns que têm interesse em atropelar o mercado", analisa, lembrando ainda que a simples palavra *pacote*, acompanhada de *congelamento*, acaba provocando remarcações desenfreadas de preços, o que, por sua vez, alimenta ainda mais a inflação. No caso da Xerox especificamente, Vikberg argumenta que o preço controlado pelo CIP é tão nocivo quanto à alta de juros. "Estamos tentando conseguir aumento que, pelo menos, acompanhe a inflação. Assim, dá para respirar um pouco melhor." A Xerox recorre aos bancos para financiar parte do seu capital de giro. "Dependendo do dia e da disponibilidade da instituição financeira, chegamos a pagar taxas de até 20% reais ao ano", revela Vikberg.

O vice-presidente da R.J. Reynolds, Thomas McDougall, conta que, no início do mês, os juros chegavam a 36% e, na semana passada, dispararam para 44%. "Isso é um desastre. O custo do dinheiro tornou-se insustentável", desabafa. No caso dessa indústria de cigarros, a elevação dos juros, na semana passada, não foi tão penosa, porque normalmente recorrem aos bancos apenas no primeiro semestre para pagamento da safra de fumo. Ele revela que tem informações de banqueiros que o governo manterá as taxas de juros em patamares altos, pelo menos até a eleição presidencial. "O pior é que nem assim consegue conter a inflação", conclui.